

Abstinência e consumo de bebidas alcoólicas entre os alunos do ensino secundário

Abstinence and alcohol consumption among secondary school students

Jorge Bonito¹ e Maria Bone²

¹ Universidade de Évora. CIDTFF – Universidade de Aveiro. jbonito@uevora.pt

² Agrupamento de Escolas de Monforte. aurorabone@hotmail.com

RESUMO

Os jovens tendem a ingerir álcool em função da curiosidade, imitação, pertença a um grupo de pares e, em alguns casos, a motivação dos familiares. O álcool é tolerado socialmente e, em consequência, os consumos moderados de álcool podem conduzir a formas de consumo de risco. O estudo que se apresenta procura compreender o consumo e a abstinência da ingestão de bebidas alcoólicas, entre os jovens do ensino secundário que frequentam a mesma escola e que utilizam coincidentes espaços de lazer. A investigação foi desenvolvida numa escola do distrito de Évora (Portugal). Foi de caráter qualitativo recorrendo ao método direto de recolha de informação. Realizaram-se vinte entrevistas, a dez jovens não consumidores e a dez consumidores, alunos do 10.º e do 12.º anos de escolaridade. Os resultados do estudo apontam no sentido do primeiro contacto com bebidas alcoólicas decorrer em ambiente noturno por influência ativa ou tácita dos pares. O comportamento alcoólico é comum e inerente a ambientes de festa. Uma alteração de comportamento, do grupo de pertença, parece indicar para a alteração do comportamento individual, em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Os jovens não consumidores já experimentaram tomar bebidas alcoólicas, todavia, quer o sabor de algumas, quer os efeitos que provocam, não são estimuladores do consumo, considerando desnecessária a sua ingestão para a valorização pessoal e para a convivência interpares.

Palavras-chave

Álcool, jovens, consumo, abstinência.

Abstract

A young person tend to drink alcohol due to the curiosity, imitation belonging to a peer group and in some cases the motivation of the family. Alcohol is therefore socially tolerated moderate alcohol consumption can lead risk forms of consumption. The study shows that attempts to understand the consumption and abstinence from alcohol consumption among young people in secondary

education who attend a school in the district of Evora in co use of learning spaces and leisure. The research was qualitative in nature developed using the direct method of data collection. Ten interviews were held, five to five to young consumers and non-consumers, the students of the 10th and 12th grades. The results point towards the first contact with alcoholic beverages held in nocturnal atmosphere by active or tacit influence of peers. The alcoholic behavior is common and inherent in party environments. A behavior modification, group membership, seems to indicate the change of individual behavior in relation to alcohol consumption. Young people are not consumers have tried drinking alcohol however, want the taste of some, or the effects they cause, are not stimulating consumption, unnecessary considering your intake to personal recovery and for peer interaction.

Key-words

Alcohol, youth, consumption, abstinence.

INTRODUÇÃO

Segundo a *OECD Health Data* (2011), a França, com um consumo de 13,3 litro *per capita* é o país com maior consumo de álcool entre a população com 15 ou mais anos de idade. Apenas a uma décima deste valor, estão Portugal e a Áustria: 12,2 litro *per capita*. A média de consumo é de 9,1 litro *per capita* nos países da *OECD*. Todavia, assistiu-se a uma diminuição de 18% no consumo, no período que decorreu entre 1980 e 2009. Entre os países participantes do ESPAD (Hibell et al., 2012), 70% ou mais dos estudantes inquiridos já ingeriu álcool pelo menos uma vez ao longo da sua vida. Um estudo qualitativo realizado por Gordo et al. (2012), em duas escolas espanholas do ensino básico, indica que os adolescentes não reconhecem o álcool como uma substância psicoativa. O primeiro contacto acontece com 12-13 anos de idade. As principais razões promotoras da ingestão são sentimentos de invulnerabilidade e de pressão dos grupos. Os efeitos negativos mais considerados são a prática de relações sexuais de risco, acidentes de trânsito e a desistência de estudos. Os entrevistados solicitam mais acessibilidade aos serviços de saúde. O estudo concluiu que as estratégias de saúde devem atender as expectativas dos adolescentes e não apenas informação.

Este estudo parte da seguinte pergunta pivô: “Que motivações e que atitudes manifestam os alunos relativamente à abstinência e ao consumo de bebidas alcoólicas?” Procura, assim, comparar as motivações dos jovens escolares para a abstinência e para o consumo de álcool e conhecer as

representações dos alunos acerca das consequências do consumo de bebidas alcoólicas a nível individual, familiar, social, económico, e no seu desempenho académico.

MÉTODO

Participantes

Optámos por uma amostragem por casos múltiplos, em particular, uma amostra por contraste-aprofundamento, cujo procedimento é estabelecer, em profundidade e de modo autónomo, uma comparação entre dois ou mais casos contrastados. A investigação envolveu alunos do 10.º e do 12.º anos de escolaridade, de uma escola secundária com 3.º ciclo do ensino básico do distrito de Évora (Portugal), com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos de idade, tendo como critério as leituras exploratórias referentes a narração do contacto inicial com as bebidas alcoólicas, o consumo esporádico e a continuidade da ingestão. Recorreu-se a um critério de amostragem estratificado, com amostras proporcionais, compostas por 10 alunos abstinente e 10 alunos consumidores, 5 por cada um dos anos de escolaridade. A seleção dos sujeitos assentou na sua disponibilidade e no seu interesse em participar neste estudo, tendo a auscultação dos alunos sido realizada pelo diretor de cada turma.

Instrumentos

A investigação recorreu ao método direto de recolha de dados com uso de entrevistas comprehensivas semiestruturadas. Teve por base um guião original, garantindo que os intervenientes respondiam às mesmas questões, preservando um nível de flexibilidade na exploração. Foram gerados dois guiões de entrevista (um para os alunos abstinente e outro para consumidores) com cinco dimensões: a) dimensão da justificação da entrevista e motivação para a realização da mesma; b) dimensão pessoal; c) dimensão ambiental; d) dimensão sociocultural; e e) encerramento da entrevista.

Recolha da informação

As entrevistas decorreram durante o 2.º e o 3.º períodos letivos de 2010/2011. Obteve-se autorização e o registo da ex-Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação em 5 de abril de 2011, sob o n.º 0 198 100 001 e a anuência dos encarregados de educação dos alunos disponíveis para participar no estudo. Foi disponibilizado um gabinete na escola, localizado numa ala retirada, com luminosidade adequada e ambiente acolhedor, elegante e sobriamente decorado. As entrevistas foram registadas, com autorização dos sujeitos, em gravação digital *Olympus VN-6800PC*.

Recolha da informação

O conteúdo das entrevistas foi transscrito pelos investigadores, *ipsis verbis*, em *Microsoft Word* 2007, elaboradas sínteses de cada caso e construídos quadros sinóticos por dimensão e por ano de escolaridade. A análise e a codificação respostas foram feitas com base na técnica *open coding da grounded theory* (Orlikowski, 1993; Strauss & Corbin, 1990) e com auxílio de Bardin (1994). A análise de conteúdo realizada individualmente recebendo validação interna através de cruzamentos com a análise desenvolvida pelos dois autores do trabalho.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Todos os alunos entrevistados, considerados por si próprios como não consumidores, declaram ter já consumido álcool em algum momento das suas vidas. Porém, a partir daí, alguns não terão dado continuidade a essa prática após a experimentação ou, face a um período de consumo de alguns anos terão optado pela cessação.

Entre os alunos não consumidores do 10.º ano, a experimentação ocorre entre os 13 e os 15 anos de idade. Os alunos mais velhos relatam contactos com o álcool entre os 12 e os 15 anos, na companhia de amigos estando na continuidade de estudos anteriores (Balsa et al., 2008; Matos et al., 2012). A curiosidade, a permissão dos pais e a influência tácita por observação de comportamentos de consumo entre os colegas mais velhos são motivos declarados pelos alunos do 10.º ano, também encontrados em estudos realizados por Gaudet (2006) e Muisener (1994).

Os estudantes afirmam viver de forma mais agradável em consequência do seu hábito de abstinência. Declaram viver melhor o ambiente festivo, estar conscientes das suas atitudes, divertidos, bem-dispostos, cumprir normas de conduta, não exalar mau odor característico dos consumidores, resistir a influências e aproveitar melhor o tempo de convívio com os amigos. A vivência de experiência negativa, em sequência de consumo excessivo, contribui para considerar desnecessário o consumo de bebidas alcoólicas:

eu deixei de beber depois da minha primeira e única bebedeira. Senti-me muito mal e considero que vivo mais agradavelmente quando não bebo. Aproveito melhor o tempo com os meus amigos e achei que era uma anormalidade beber e ficar daquela maneira... não me divertia mais por beber... passei mal quando estava bêbada e no dia a seguir. Agora vou às festas, divirto-me e fico bem. (E 10-5)

Entre estes alunos, é ainda referido que não se sentem discriminados pelo facto de serem não consumidores, porém, há também quem declare que se sente desintegrado do grupo por não

consumir bebidas alcoólicas. Os locais onde experimentam a ingestão de bebidas alcoólicas são os espaços festivos, particularmente bares, festas, restaurantes e alguns mencionam a sua casa. Encontramos uma associação entre os momentos de lazer e o consumo alcoólico, coincidindo com o postulado por Cabral (2007) e Swisher e Hu (1983). Entre os alunos abstinentes não se entende importante o consumo de bebidas alcoólicas.

Parece que existem familiares que não influenciam na ingestão de bebidas alcoólicas, todavia, há alunos que afirmam ter sido motivados, ou que lhes fora permitido experimentar, por parentes próximos. Os hábitos de ingestão e de abstinência entre os familiares próximos tendem a influenciar os consumos dos entrevistados. É referido que os familiares ingerem sem excessos, às refeições e em momentos de convívio ou são abstinentes. Alguns escolares consideram este comportamento um modelo a seguir. A ingestão excessiva dos familiares e a vivência de maus tratos físicos em sequência dessas ingestões repudiam a ingestão, contribuindo para a abstinência. Os resultados encontrados não são coincidentes no que se refere à motivação direta para a experimentação alcoólica por parte dos progenitores. Acontecimentos negativos vivenciados, em consequência da ingestão de bebidas alcoólicas, parecem contribuir para a abstinência, em conformidade com resultados de Percy, Thornton e McCrystal (2008), todavia, os fatores genéticos influenciam decisivamente ao consumo (Schuckit, citado em Goode, 2007), já que sujeitos adotados apresentam comportamentos alcoólicos mais próximos dos comportamentos dos seus pais biológicos do que dos pais adotivos.

Os pais dos participantes no estudo tendem a não tolerar o consumo excessivo de álcool entre os jovens. Alguns aceitam que bebam sem excessos e chamam a atenção para os cuidados que devem ter. O papel da família parece constituir-se crucial para o hábito de abstinência, nomeadamente a abordagem da temática em ambiente familiar, coincidindo com a posição de Dillon (2010). A interferência dos pares no consumo de bebidas alcoólicas tende a fazer-se sentir entre os alunos não consumidores. São diversas as razões avançadas que levam à não ingestão: preferir o sabor de bebidas não alcoólicas; considerar que não vale a pena a ingestão de álcool; o facto de os pares não tomarem e não sair à noite; a vivência de uma má experiência por ingestão excessiva; o facto de o namorado não tomar.

O facto de os jovens tomarem bebidas alcoólicas é encarado como uma decisão pessoal. O convívio entre pares não é penalizado pelo facto dos hábitos de consumo serem díspares. O consumo excessivo de bebidas alcoólicas, por parte de elementos do grupo de pertença, inquieta os não consumidores. Consideram que os consumidores deveriam alterar os seus hábitos pelas

consequências que acarretam para a saúde e pelo estado de não aproveitarem convenientemente a companhia dos amigos. Os estudantes afirmam alertar os pares a fim de evitarem consumos excessivos. O papel dos pares como fator protetor é revelado entre os alunos não consumidores, coincidindo com a abordagem efetuada por Buckley et al. (2009). Tomar bebidas alcoólicas parece ser uma das condições para a integração em alguns grupos, tal como define Jessor e Jessor (1997).

Entre os participantes no estudo as razões veiculadas para a não ingestão de bebidas alcoólicas são diversas. Os escolares do 10.º ano referem o facto de o álcool ser prejudicial à saúde e à vida social e familiar. Os estudantes mais velhos indicam o facto de não perderem o controlo, de o álcool despoletar a ocorrência de acidentes, violência, abuso sexual, não acarretar felicidade, não gastar dinheiro em substâncias prejudiciais, não gostar do sabor e não mudar comportamentos, como acontece quando são tomadas bebidas alcoólicas e divertirem-se mais.

Os estudantes do 10.º ano afirmam que tomar bebidas alcoólicas provoca o desleixo nos compromissos escolares, interfere negativamente no aproveitamento todavia. A ingestão ocasional não é reconhecida como interferente no desempenho escolar e a ingestão excessiva é classificada como muito perturbadora. Os estudantes declararam que ainda não assistiram à solicitação de documentos de identificação aquando da aquisição de bebidas alcoólicas.

Quando comecei a beber [aos 12 anos] ia para o [nome do bar omitido]. E como conhecíamos o [nome do dono omitido] ele dava-nos bebida e pronto. Não havia dificuldade. Nessa altura eu não ia aos supermercados comprar... não havia ainda muito o ritual de ir aos supermercados. Fui sempre eu que comprei as bebidas, não pedia aos mais velhos. Ia sempre ao mesmo bar, como me conheciam era fácil comprar, em vez de ir a outros sítios. (E 12-5)

Para além do dinheiro que os pais lhes dão, os alunos usam o dinheiro que lhes é ofertado por ocasião do aniversário. É ainda manifestado que se os preços das bebidas fossem mais elevados limitariam o consumo que coincide com o postulado por Betts e Scott (2005) e van Hoof, van Noordenburg e de Jong (2008). É afirmado que os efeitos da publicidade se fazem sentir entre os colegas mais novos. Este efeito sobre o hábito de consumo de bebidas alcoólicas não se apresenta coincidente entre os participantes no estudo, diferindo do revelado por Pinsky (2009).

O consumo regular é ainda entendido como um ritual instalado e não uma dependência. As causas apontadas para a abstinência são diversas. Todos estudantes do 10.º ano consideram importante não ingerir e manter-se-ão não consumidores em consequência dos problemas físicos e psicológicos que desencadeia a ingestão alcoólica e porque este hábito não resolve os problemas pessoais que parecem impelir ao consumo. Outra razão avançada é o facto de o álcool contribuir para o aumento

de peso e quem o toma continuadamente apresentar uma imagem desagradável e comportamentos deprimentes. O álcool não é necessário à diversão. O dinheiro gasto na sua aquisição é mal empregue por não lhe reconhecerem benefícios. A vivência da embriaguez permite o reconhecimento da grande importância da não ingestão de álcool. Entre os escolares do 12.º ano refere-se a importância de não beber, todavia, é referido que para a integração num grupo será importante fazê-lo. A abstinência permite poupar dinheiro, não ter atitudes reprováveis, nem comportamentos em consequência da influência dos pares, manter-se diferente dos demais, o facto de os estados de embriaguez criarem uma má imagem na sociedade e gerar tranquilidade nos pais. É ainda revelado por um estudante, que compara as suas vivências de consumidor com as de não consumidor, serem mais agradáveis as vivências dos não consumidores.

Os alunos consumidores do 10.º ano e do 12.º ano declaram o início da ingestão alcoólica entre os 13 anos de idade e os 15 anos e entre os 13 e os 16 anos, respetivamente. As primeiras experiências aconteceram, tendencialmente, quando iniciaram as saídas à noite, em festas e na companhia de amigos. Os períodos de consumo de bebidas alcoólicas entre os sujeitos estudados coincidem com estudos anteriores (Cabral, 2007; Freyssinet-Dominjon & Wagner 2006). Alunos do 10.º ano declaram que a companhia e a observação de colegas consumidores mais velhos contribuíram para a imitação e a idealização da idade de início da ingestão. Estes resultados confluem com o trabalho de Muisener (1994), que postula a personalidade e a imitação como fatores determinantes do consumo. O ambiente de festa e querer afirmar-se perante os demais são outras razões reveladas pelos estudantes do 12.º ano.

Os alunos apresentam diversas caracterizações do que sentem depois de tomarem bebidas alcoólicas, nomeadamente mais animados, maior diversão e alegria, mais energia, tonturas, melhor disposição, indisposição, mais descontraídos e mais soltos: “quando bebo álcool fico mais energético... às vezes bebo para ficar mais bem-disposto” (E 10-9). Estas revelações coincidem com Ferreira-Borges e Filho (2004). Os resultados apontam a estimulação sensorial e alterações individuais em consequência da ingestão de bebidas alcoólicas, nomeadamente estados de maior alegria e extroversão. As vantagens que implicam o hábito de consumo de álcool, indicadas pelos consumidores são diversas: viver o momento com os amigos, sentir mais alegria e desinibição, saciar a sede, diversão, convívio, o gosto de tomar, o sabor das bebidas, o alívio perante algum problema que estejam a viver são indicadas como vantagens alcançadas com os consumos. Também é declarado que são escassas ou nenhuma as vantagens da ingestão.

Todos os alunos afirmam ser fácil a aquisição de bebidas alcoólicas por quem ainda não completou 16 anos de idade. A venda deste tipo de bebidas acontece, mesmo à margem da Lei, a pessoas que se apresentem notoriamente embriagadas. Comerciantes conhecidos vendem facilmente. Bares recém-abertos evitam a venda mas, passado algum tempo, vendem sem problema e os amigos mais velhos compram para que os mais novos ingiram. O interesse económico dos comerciantes é a principal causa do facilitismo na venda de bebidas alcoólicas, concorrendo esse facto para a falta de controlo na idade dos compradores. Confirmar a idade através de documento de identificação não é frequente no Alentejo, contrariamente ao que acontece em Lisboa, à entrada de discotecas.

Parece que existem familiares que não influenciam na ingestão de bebidas alcoólicas. Todavia, há alunos que afirmam ter sido motivados ou que lhes fora permitido experimentar, por parentes próximos. Os pais e os irmãos tomam bebidas alcoólicas regularmente de forma moderada o que parece contribuir para um hábito de ingestão igualmente moderado por parte dos alunos. O incentivo ao consumo em ocasiões festivas por parte dos pais revelado neste estudo vai ao encontro dos resultados já encontrados anteriormente (Araoz, 2004; Heath, 2000). O hábito alcoólico dos pais parece influenciar os comportamentos dos filhos em concordância com o revelado por Petraitis, Flay e Miller (1995). Se o hábito de ingestão no grupo de pertença fosse alterado, isso contribuiria para a mudança dos hábitos de consumo individuais, reduzindo-se a ingestão ou cessando-a. A influência dos pares é notória, o que se revela congruente com estudos já realizados (Beltrán, Lillo, Lourenzo & Lourenzo, 2012; Meloni & Laranjeira 2004).

A opinião manifestada relativamente ao consumo de bebidas com elevada concentração de álcool não é favorável entre os participantes no estudo, contrariando estudos anteriores (Calafat, 2007; Hibell et al., 2009; Vinagre e Lima, 2006). A divulgação nos meios de comunicação social não influencia nas escolhas. O efeito promotor da publicidade sobre o hábito de consumo não é manifestado coincidentemente entre os sujeitos participantes no estudo. Estes resultados diferem do postulado por Pinsky (2009).

A ingestão de pequenas quantidades e a reduzida frequência são menosprezadas relativamente a possíveis influências sobre os resultados escolares. Os resultados não são coincidentes relativamente ao efeito da ingestão de bebidas alcoólicas no aproveitamento escolar que, de acordo com Trindade e Correia (1999), é um fator redutor do rendimento académico. É admitida influência negativa sobre os resultados, resultante da diminuição da aplicação às tarefas escolares e pela redução do tempo de estudo em consequência das saídas com os amigos.

As informações veiculadas pelos alunos denotam um conhecimento restrito da interferência do álcool na saúde individual e coletiva. Referem que ingestões excessivas e prolongadas terão efeitos negativos ao nível da saúde individual. Transversalmente é reconhecido o consumo de bebidas alcoólicas como causa de perturbações no cérebro, no fígado, nos rins e no estômago. Quantidades reduzidas de consumo são apontadas como inócuas para a saúde. A dependência alcoólica não é identificada como resultante dos consumos moderados e pouco frequentes, contrariando estudos anteriores (Burt et al., 2008; Howlett, Williams, & Subramaniam, 2012; Winters & Lee, 2008).

É reconhecida a influência da ingestão de álcool na ocorrência de acidentes de viação. Quando decorre de um acidente a morte de um jovem que conhecem regista-se uma redução nos consumos porém, passado um tempo, volta instala-se comportamento inicial. Há alunos que não ingerem álcool ou consomem em pequena quantidade para, que num determinado evento, sejam eles os condutores.

A ação pedagógica desenvolvida pela escola acerca do consumo alcoólico, segundo os entrevistados, não é eficaz não advindo resultados positivos das atividades desenvolvidas. A redução no consumo acontece, segundo os alunos consumidores, quando um dos elementos tem algum problema ou quando algo acontece de muito grave, como é o caso de uma morte de um colega. É, transversalmente, alvitrada a apresentação de histórias de vida, contendo relatos chocantes vividos por consumidores acreditando que surtiriam efeito sobre os consumos de bebidas alcoólicas entre os jovens. Os consumidores creem que a escola deveria ter um papel difusor de informação junto, em especial, dos alunos mais novos pois o início da ingestão e das embriaguezes registam-se cada vez mais precocemente.

CONCLUSÕES

A experimentação da ingestão de bebidas alcoólicas acontece entre os 12 anos e os 15 anos de idade para os alunos abstinentes, e entre os 13 e os 16 anos para os consumidores, na companhia de amigos ou dos pais, em ambientes festivos.

Entre os abstinentes as causas da experimentação são, a curiosidade, o ambiente, a diversão, a observação de comportamentos e o facto de estar na presença de amigos consumidores que tacitamente contribuiu. Entre os estudantes consumidores, são avançadas a curiosidade, as motivações tácita e explícita, o “dar estilo” e o querer impor-se.

As consequências da ingestão alcoólica revelam-se como promotoras da abstinência e também do consumo do álcool. O hábito de abstinência é mantido pelo facto da ingestão de bebidas alcoólicas ser prejudicial ao desenvolvimento, por despertar para o consumo de outras substâncias, pelo conhecimento dos efeitos nefastos do álcool que testemunharam com familiares próximos, em consequência de terem vivenciado uma experiência de embriaguez com acentuados sintomas de ressaca. O facto de o álcool contribuir para o aumento de peso e quem o toma continuadamente apresentar uma imagem desagradável, comportamentos deprimentes e o facto de os estados de embriaguez criarem uma má imagem na sociedade contam-se também entre as razões avançadas. A abstinência possibilita poupar dinheiro, não ter atitudes reprováveis, nem comportamentos decorrentes das influências dos pares. Manter-se diferente e gerar tranquilidade nos pais são também consideradas relevantes.

A vivência da embriaguez permite o reconhecimento da grande importância da abstinência. A agradabilidade sentida quando são consumidas bebidas alcoólicas em momentos de convívio, a companhia dos amigos, a influência do ambiente festivo e o facto de constituir uma rotina revelam-se como promotores da manutenção da ingestão moderada.

O controlo das idades dos consumidores é negligenciado e a permissão da permanência de adolescentes com idades inferiores a 16 anos em espaços de consumo de bebidas alcoólicas é tacitamente aprovada. A redução do preço das bebidas contribui, segundo os consumidores, para o aumento do consumo. Os espaços são escolhidos de acordo com a acessibilidade. A disponibilidade financeira também tende a contribuir para maiores consumos.

Os hábitos de ingestão e de abstinência entre os familiares próximos tendem a influenciar os consumos dos entrevistados. Os familiares ingerem sem excessos, às refeições e em momentos de convívio ou são abstinentes o que consideram um modelo a seguir. A ingestão excessiva de álcool pelos familiares e vivências de maus tratos físicos, em sequência desses consumos, repudiam a ingestão, contribuindo para a abstinência. As interferências dos pares, tácita e explícita, no consumo de bebidas alcoólicas tendem a fazer-se sentir entre os alunos não consumidores e nos consumidores. A influência dos pares, entre as demais influências apontadas, é destacada entre os consumidores.

Tomar bebidas alcoólicas provoca o desleixo nos compromissos, interfere negativamente no aproveitamento todavia, a ingestão ocasional não é reconhecida como interferente no desempenho escolar e a ingestão excessiva é classificada como muito perturbadora. Os alunos mais velhos não relacionam o desempenho escolar e o hábito de ingestão de bebidas alcoólicas. Entre os consumidores, parece não ser reconhecida influência da ingestão de bebidas alcoólicas sobre o desempenho escolar.

A ingestão de pequenas quantidades de álcool não é prejudicial para a saúde. A dependência como causa da ingestão de álcool é mencionada pelos alunos. Atribuem essa aquisição apenas a ingestões excessivas e a duradouras. É reconhecida como um problema de saúde mental, por alguns dos estudantes. Todos relacionam a ingestão alcoólica com os acidentes de viação. A ação pedagógica levada a cabo pela escola, acerca do consumo alcoólico, não é eficaz. Histórias de vida, contendo relatos chocantes vividos por consumidores produziriam efeito sobre os consumos de bebidas alcoólicas entre os jovens.

Não é possível impedir a ingestão de álcool, porém, um maior controlo implicaria redução no consumo. Os jovens não aceitam conselhos para deixar de ingerir e apenas cessam o consumo quando eles próprios decidem, na opinião de alunos abstinentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araoz, G. (2004). Cultural considerations. In International Center for Alcohol Policie, *What drives underage drinking? An international analysis* (pp. 39-47). Washington, DC: International Center for Alcohol Policies. Recuperado em 2011, junho 18, de <http://www.icap.org/LinkClick.aspx?fileticket=u5U/st%2B6jt8%3D&tqid=108>.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., Barbio, L., & Pascueiro, L. (2008). *Inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoativas na população geral, Portugal 2007*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Betts, C., & Scott, G. (2005). Staff name offending 'happy hour' clubs. *Nursing standard*, 19(19), 8.
- Buckley, L., Sheehan, M., & Chapman, R. (2009). Adolescent protective behaviour to reduce drug and alcohol use, alcohol-related harm and interpersonal violence. *Journal of drug education*, 39, 3, 289-301.

Bonito, J., & Boné, M. (2014). Abstinence and alcohol consumption among secondary school students. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 93-102.

Burt, S., Barnes, A., McGue, M., & Lacono, W. (2008). Parental divorce and adolescent delinquency: Ruling out the impact of common genes. *Developmental psychology*, 44, 1668–1677.

Cabral, L. (2007). *Consumo de bebidas alcoólicas em rituais/praxes académicas*. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto. Recuperado em 2012, outubro 31, de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7207/2/Doutoramento%20Lidia%20do%20Rosrio%20Cabral%20agosto2007.pdf>.

Calafat, A. (2007). El abuso de alcohol de los jóvenes en España. *Adiciones*, 19(3), 217-224. Recuperado em 2011, março 15 de <http://www.adicciones.es/files/editorialCalafat.pdf>.

Dillon, P. (2010). *Adolescentes, álcool y drogas*. Barcelona: Ediciones Medici.

Ferreira-Borges, C., & Filho, H. (2004). *Alcoolismo e toxicodependência: manual técnico* 2. Lisboa: Climepsi Editores.

Freyssinet-Dominjon, J., & Wagner, A. (2006). *Os estudantes e o álcool: formas de beber na nova juventude estudantil*. Coimbra: Quarteto.

Gaudet, E. (2006). *Drogas e adolescência: respostas às dúvidas dos pais*. Lisboa: Climepsi Editores.

Goode, E. (2007). *Drugs in American society* (7th ed). New York: Stony Brook University.

Gordo, J., Beltrán, P., Lillo, R., Lourenzo, B., & Lourenzo, S. (2012). La percepción del riesgo del consumo de drogas en los adolescentes de nuestro medio ambiente. *Revista ROL de enfermería*, 35, 16-21.

Heath, D. B. (2000). *Drinking occasions: Comparative perspectives on alcohol and culture*. Philadelphia: Brunner/Mazel.

Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A. et al. (2012). *The 2011 ESPAD report substance use among students in 36 european countries*. Stockholm: The Swedish council for information on alcohol and other drugs (CAN) and the authors. Recuperado em 2013, janeiro 30, de http://www.espad.org/Uploads/ESPAD_reports/2011/The_2011_ESPAD_Report_FULL_2012_10_29.pdf.

Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A. et al. (2009). *The 2007 ESPAD report substance use among students in 35 european countries*. Stockholm: The Swedish council for information on alcohol and other drugs (CAN) and the authors. Recuperado em 2012, outubro 21, de

Bonito, J., & Boné, M. (2014). Abstinence and alcohol consumption among secondary school students. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 93-102.

http://www.espad.org/Uploads/ESPAD_reports/2007/The_2007_ESPAD_Report-FULL_091006.pdf.

Howlett, K., Williams, T., & Subramaniam, G. (2012). Understanding and treating adolescents substance abuse: a preliminary review. *The journal of lifelong learning in psychiatry*, 10(3), 293-299. Recuperado em 2013, janeiro 14, de <http://focus.psychiatryonline.org/data/Journals/FOCUS/24947/293.pdf>.

Jessor, R., & Jessor, S. (1997). *Problem behavior and psychosocial development*. New York: Academic Press.

Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I., Tomé, G., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses: relatório do estudo HBSC 2010*. Lisboa: Edições FMH.

Meloni, J., & Laranjeira, R. (2004). Custo social e de saúde do consumo de álcool. *Revista brasileira de psiquiatria*, 26, 7-10.

Muisener, P. (1994). *Understanding and treating adolescent substance abuse*. London: SAGE Publications.

OECD Health Data (2011). *OECD economics of prevention expert group meeting. Directoria for employment, labour and social affairs health committee*. Recuperado em 2013, dezembro 9, de [http://search.oecd.org/officialdocuments/displaydocumentpdf/?cote=DELSA/HEA/EP\(2011\)1&docLanguage=En](http://search.oecd.org/officialdocuments/displaydocumentpdf/?cote=DELSA/HEA/EP(2011)1&docLanguage=En).

Orlikowski, W. (1993). CASE tools as organizational change: investigating incremental and radical changes in systems development. *Management information systems quarterly*, 17(3), 309-340.

Percy, A., Thornton, M., & McCrystal, P. (2008). The extent and nature of family alcohol and drug use: Findings from the Belfast Youth Development Study. *Child abuse review*, 17, 371–386.

Petraitis, J., Flay, B., & Miller, T. (1995). Reviewing theories of adolescent substance use: Organizing pieces in the puzzle. *Psychological Bulletin*, 117, 67-86.

Pinsky, I. (2009). *Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, Calif: Sage Publications.

Swisher, J., & Hu, T. (1983). Alternatives to drug abuse: some are some are not. *National institute on drug abuse: research monograph series*, 47, 141-153.

Trindade, I., & Correia, R. (1999). Adolescentes e álcool: estudo do comportamento de consumo de álcool na adolescência. *Análise psicológica*, 3(17), 591-598.

Bonito, J., & Boné, M. (2014). Abstinence and alcohol consumption among secondary school students. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 93-102.

van Hoof, J., van Noordenburg, M., & de Jong, M. (2008). Happy hours and other alcohol discounts in cafés: prevalence and effects on underage adolescents. *Journal of public health policy*, 29(3), 340-352.

Vinagre, M., & Lima, M. (2006). Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: experiências e julgamentos de risco. *Psicologia, saúde e doenças*, 7(1), 73-81.

Winters, K., & Lee, S. (2008). Likelihood of developing an alcohol and cannabis use disorder during youth: Association with recent use age. *Drug and Alcohol Dependence*, 92, 239-247.